

## Revista de Catequese

Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

São Paulo, *Campus* Pio XI: Curso de Teologia

Disponível em: <https://revista.unisal.br/catequese/index.php/rcu/issue/view/>

V. 1, n. 1, jan./jun., 2023, p. I-IV.

### EDITORIAL

O tema da sinodalidade tem sido recorrente no pontificado do Papa Francisco, sobretudo nestes últimos anos, nos quais têm-se dedicado à realização, em dois momentos (2023/ 2024), do Sínodo sobre a sinodalidade, a ser concluído em outubro deste ano, em Roma. Segundo o papa argentino, o tema da sinodalidade não é um projeto de adequação humana às exigências do tempo presente, mas algo característico da Igreja, “um caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”. Caminhar juntos, discernirmos juntos o que Deus espera de cada de nós, pedras vivas do edifício espiritual que é a Igreja é, portanto, uma exigência fundamental à realização da missão da Igreja: ser no mundo sinal do amor de Deus-comunhão. Sobre o atual e necessário tema do discernimento comunitário, em sua estreita relação com o tema da sinodalidade, versará o trabalho dos padres João Neto e Salvatore Curró.

O padre Evandro Stefanello, em seu artigo “O discernimento em *Amoris Laetitia*: acompanhamento do namoro ao casamento” trata da importância do processo de acompanhamento daqueles que almejam o enlace matrimonial. Para ele, o matrimônio não pode ser entendido como um momento pontual, mas a chegada de um itinerário de formação e conhecimento das exigências do sacramento do matrimônio. Sem isso, corre-se o risco de entender o matrimônio como uma tentativa improvisada de “viver junto”, muitas vezes, a partir de um ideal demasiadamente romantizado de família. Neste sentido, uma adequada preparação ao matrimônio deve levar em conta a formação, o acompanhamento e a troca de experiências entre casais. O processo de discernimento, indispensável para a preparação ao matrimônio, dará possibilidade ao casal de uma vida matrimonial mais feliz e duradoura.

Em seu artigo “A Igreja que nasce do Espírito Santo – sinodalidade e poder, testemunho do Papa Francisco à luz do Vaticano II”, Romildo Pinas apresenta de forma breve e sistemática o dilema entre sinodalidade e poder, presente na vida da Igreja ao longo dos séculos. Para ele,

a sinodalidade – expressão da vida pulsante da Igreja nascida de Cristo e testemunhada na vida concreta de uma Igreja pobre, desapegada dos bens deste mundo, fraterna e peregrina, por comportar em seu seio homens e mulheres manchados pelo pecado –, está identificada, muitas vezes, com os vícios deste mundo, entre os quais o poder, que mata o Espírito e destrói a Igreja a partir de dentro. Em tempos em que o testemunho da Igreja se encontra frágil, surge em seu interior homens e mulheres, que por meio da sua pobreza, da capacidade de diálogo, de fraternidade e de solidariedade, apontam para o centro, para aquilo que é mais importante. É o que na própria Igreja se chama “retorno às fontes”, ao Evangelho, ajudando assim, em seu caminho de conversão.

Donizete Xavier evidencia, em seu artigo “A graça do discernimento e as virtudes do processo”, a importância do autoconhecimento e da aceitação da própria condição humana, como condição *sine qua non* para uma vocação acertada. Não somos anjos, somos seres humanos, e é a partir dessa condição que o Senhor, em Jesus Cristo, assume a natureza humana, nos chama para o seu serviço e para a construção do Reino. A vocação é um dom, um tesouro que trazemos em vasos de barro (cf. 2Co 4, 7), isto é, na fragilidade da nossa condição humana, capacidades e limites; por isso mesmo, deve ser conhecida, a fim de que seja integrada ao meu projeto de vida, considerando as exigências da própria vocação, como evidencia o autor: “Nestes termos, é importante reafirmar que a fé é uma forma de ser e de existir, que envolve um caminho de discernimento e de decifração do próprio mistério, que habita e inhabita no mais profundo do humano. Tema que toca as fibras mais recônditas do mistério da existência humana”.

Thiago Paro, em “A liturgia e a dimensão celebrativa da catequese: um caminho para uma viva experiência de fé na comunidade eclesial”, aponta para uma estreita relação entre liturgia e a dimensão celebrativa da catequese. Recentemente, o Papa Francisco tratou da formação litúrgica do povo de Deus, a partir de duas perspectivas: a formação *para* liturgia e a formação *pela* liturgia, isto é, a celebração litúrgica como lugar e instrumento de formação do povo de Deus. É aí, junto à assembleia litúrgica, que o fiel toma cada vez mais consciência da universalidade de sua fé frente a qualquer tipo de individualismo/partidarismo. Surge, então, a preocupação pela arte de celebrar. Na *Desiderio desideravi*, o papa Francisco insiste no tema da formação, apresentando-a como única forma de superação do analfabetismo simbólico-ritual que tem atingido tantas consciências no interior da própria igreja.

Em seu artigo “Discernimento na escolha de candidatos para o ministério eclesial de catequista”, Ubaldo Montisci apresenta as diversas indicações dadas pelo Papa Francisco, que deverão compor o quadro de critérios para o discernimento e, posteriormente, a escolha de homens e mulheres a serem instituídos catequistas. Tal discernimento deve levar em conta três dimensões inseparáveis: a escuta e o diálogo com Deus, com a realidade que nos impele e consigo mesmo. Dentre outros critérios, destacam-se esses: “homens e mulheres de fé profunda e maturidade humana, que tenham uma participação ativa na vida da comunidade cristã, sejam capazes de acolhimento, generosidade e vida de comunhão fraterna [...]. Requer-se que sejam colaboradores fiéis dos presbíteros e diáconos, disponíveis para exercer o ministério onde for necessário e animados por verdadeiro entusiasmo apostólico” (AM, n. 8).

O período acadêmico marca também um momento crucial na vida dos jovens universitários, pois é um tempo de escolhas importantes e decisivas em suas vidas. Por isso, é tão importante a presença de referências para cada um. A escuta dos jovens, tal como enfatizou Luca Peyron, no texto “Estar na escuta dos jovens para um acompanhamento fecundo na Pastoral Universitária”, é o traço característico e fundamental de uma Igreja e, portanto, de uma pastoral eminentemente solidária com os homens e mulheres de seu tempo. Na *Christus Vivit*, o Papa Francisco afirma: “se a Igreja se põe à defesa e não escuta, então transforma-se num ‘museu’” (n. 41), isto é, não se atualiza, não se renova e, portanto, não diz nada ao homem e a mulher de hoje.

No artigo “*El discernimiento en el camino espiritual del catequista*”, Jesus Gutiérrez enfatiza a importância do discernimento como “processo de busca, na oração, para conseguir sentir e conhecer a ação de Deus na vida das pessoas e, a partir daí, conhecer sua vontade”. Uma pastoral que não faz o discernimento do tempo e da realidade na qual está inserida, corre o risco de não falar ao coração das pessoas, dos destinatários da missão evangelizadora da Igreja em saída. Esse processo de renovação eclesial, muito mais aberto às culturas e a vida de cada pessoa, e tratado de forma recorrente pelo Concílio Vaticano II, tem uma dupla finalidade: responder ao modelo de evangelização do próprio Cristo, que assume em tudo a natureza humana, exceto o pecado; e as exigências do próprio tempo, que passa e faz com que a Igreja se atualize, a fim de falar os homens de ontem e de hoje. A verdade do Evangelho é sempre a mesma, mas a forma de expressá-la difere, dependendo sempre do interlocutor para o qual dirige-se a Palavra da Vida.

Para José Miguel Núñez, o processo de educação à fé precisa de um adequado, constante e progressivo itinerário de acompanhamento e de personalização em vista de uma fé sempre mais amadurecida, um processo que compreenda a adolescência/juventude, a vida adulta e a velhice. Fé e vida são duas realidades que se complementam. Um acompanhamento que não considere a vida do acompanhado, suas alegrias e dores, seus medos e suas esperanças, não ajudará verdadeiramente a pessoa a fazer a necessária relação entre fé e vida, a fim de que a vida seja iluminada pela fé. Neste processo, a pessoa, sua história de vida, está no centro, como evidenciou Núñez: “*es necesario acoger el momento y la experiencia vital de la persona acompañada*”.

Elena Massimi, com o artigo intitulado “Acompanhar os jovens para viver uma liturgia viva segundo *Christus Vivit*”, defende a urgência de uma formação litúrgica que faça redescobrir a natureza ritual simbólica da liturgia, com a possibilidade de modelos formativos que conduzam a pessoa ao mistério celebrado. Na *Desiderio Desideravi*, o Papa Francisco insiste na *Ars Celebrandi*, isto é, a arte de celebrar, evidenciando a importância da própria celebração na formação litúrgica do povo de Deus. No entanto, o que se observa em muitas celebrações é um demasiado e inoportuno protagonismo do presidente da celebração. Urge ajudar os jovens e todo povo a compreender, à luz da fé, o mistério que está celebrando. Sem isso, corremos o risco de um analfabetismo espiritual no quesito da experiência simbólico-ritual, como denunciou Romano Guardini.

Boa leitura a todos!

*Leandro Francisco da Silva, SDB*  
Comissão Editorial